



2565 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 05 - Educação e Infância

A LEITURA DO LITERÁRIO: UMA FORMAÇÃO CONTÍNUA DO LEITOR MIRIM
Gesiele Reis - UNIVERSIDADE DO VALE ITAJAÍ

RESUMO: A literatura está presente em nossas vidas seja por histórias orais criadas ou vivenciadas pelos nossos familiares e compartilhadas conosco, seja pelos clássicos que circundaram nossa infância e nossa juventude. Considerando que a criança pequena passa no mínimo quatro horas na creche, levanta-se a questão: “Como inserir a leitura do literário no cotidiano da creche?”. Este artigo de abordagem qualitativa e cunho bibliográfico têm como objetivo discutir a inserção da leitura do literário na creche. A discussão abarca algumas funções da literatura, a importância do livro no manuseio da criança pequena e a leitura do literário como instrumento para a formação do leitor, trazendo como exemplo a experiência da comunidade italiana, San Miniato. A discussão da temática tem como aporte teórico Eco (2011), Duarte Jr. (2010) e Fortunati (2006; 2013), entre outros que dialogam a respeito do assunto proposto. É possível afirmar que a leitura do literário sensibiliza, adentra nossos sentidos pela via estética, oportuniza momentos de experiências ímpares com novas vivências e a compreensão da vida de modo humanístico.

Palavras-chave: Leitura do literário. Creche. San Miniato.

1 INTRODUÇÃO

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.

João Guimarães Rosa.

O artigo é aberto com a epígrafe de João Guimarães Rosa (2005) em *As margens da alegria*, do livro *Primeiras histórias*, pois cunha uma linguagem que revigora os sentidos e encaminha o leitor a uma inquietação e a um estranhamento constante que nos levam ao profundo de nossa essência - à exploração de nossos sentidos. A literatura tem esse poder de regressão dos nossos sentidos, já poluídos com a modernidade. Além disso, ela é capaz de transportar-nos para a vida no sertão, por exemplo, sem o corpo sair da cidade grande. Por isso, ler um livro não significa apenas procurar decifrá-lo, mas também fruí-lo.

A literatura está entrelaçada em nossas vidas seja por histórias orais criadas ou vivenciadas pelos nossos avôs e compartilhadas conosco em rodas de conversas, ou contadas pelos nossos pais para chamar o sono que insistia em não aparecer à noite na hora de dormir, seja pelos clássicos que circundaram nossa infância e nossa juventude.

Quando olhamos para a nossa realidade brasileira, podemos observar que a literatura está presente no âmbito da Educação Infantil, seja por espaços destinados aos livros, denominados de “Espaço da Leitura” ou de “Canto da Leitura”. Também podemos observar projetos de acessibilidade de livros às crianças, porque, de modo geral, na Educação infantil, são organizadas leituras e contações de histórias, mas os livros ainda continuam fora do alcance das crianças e fora de seu contexto cultural e social. Nesse sentido, é levantada a seguinte questão: “Como inserir a leitura do literário no cotidiano da creche?”.

Este artigo de abordagem qualitativa e cunho bibliográfico têm como objetivo discutir a inserção da leitura do literário na creche. Inicialmente o texto será condicionado a algumas funções da literatura. Em seguida, a discussão desdobra sobre a importância do livro no manuseio da criança pequena e a leitura do literário como instrumento para a formação do leitor, trazendo como exemplo a experiência da comunidade italiana, San Miniato. A discussão da temática será realizada sob a luz de Eco (2011), Duarte Jr. (2010) e Fortunati (2006; 2013).

2 PARA QUE SERVE A LITERATURA? ALGUMAS FUNÇÕES

De acordo com Perroti (1986), por muito tempo a literatura foi visualizada como uma ferramenta utilitária para construção da moralidade do ser, na tentativa de distinguir o que é o correto e o que é errado na sociedade a qual pertence. No entanto, a literatura sempre foi um objeto artístico e estético provedora de sentidos.

De acordo com Eco (2011), a literatura mantém em exercício a língua como patrimônio coletivo. Como exemplo, citamos o Brasil que, mesmo falando o mesmo idioma, possui, em diferentes pontos geográficos, grupos que têm um vocabulário diferenciado, enriquecido com neologismos, diferenças linguísticas, regionalismos, etc. As próprias obras de Guimarães Rosa são ricas em neologismos, no entanto, seus textos são conhecidos, lidos e comentados por todo o país, de norte a sul. Quando lemos o conto *A outra margem do rio*, citado na epígrafe deste artigo, encontramos expressões que podem não ser compreendidas por alguém que não conhece a realidade da região de Minas Gerais. Entretanto, por ser escrito na língua portuguesa, conseguimos fazer inferências diversas. Isso porque, segundo Eco (2011), por meio da literatura garantimos a unidade linguística.

A literatura também contribui para formar a língua, e, assim, criar identidade e comunidade. Em cada região do país, há comunidades com sua própria identidade, sua própria cultura e, em meio a essa diversidade, há escritores que preservam seu estilo e sua cultura no momento da escrita de obras.

Além de preservar a identidade de um grupo, a leitura do literário mantém em exercício nossa língua individual. Eco (2011) afirma que linguagem literária culta não pode ser barganhada pela linguagem neotelegráfica. É por meio da literatura que aperfeiçoamos nossa forma de falar e de escrever. A linguagem neotelegráfica é um tipo de linguagem modificada pelas pessoas. De acordo com Eco (2011): “Hoje muitos choram o nascimento de uma linguagem neotelegráfica que se está impondo através do correio eletrônico e das mensagens dos celulares, em que se diz eu te amo até com uma sigla [...]” (ECO, 2011, p. 11). A literatura apresenta o modelo padrão da língua e por meio dela nós nos apropriamos das construções linguísticas, melhorando, assim, nossa forma de nos comunicar.

A literatura tem mais uma importante função - a formação humanística do sujeito. A todo o momento nos deparamos com notícias lamentáveis transmitidas pelo rádio e pela televisão, como os atentados do próprio ser humano contra seus pares. Adolescentes que matam por dinheiro, jovens que põem fogo em homens, famílias destruídas por conta da ganância, animais sendo usados como cobaias laboratoriais, o meio ambiente se degradando dia após dia como consequência de nossos atos nada sustentáveis. Mas o que mais assusta é que essas atrocidades vêm se tornando cada vez mais corriqueiras e já estamos nos “acostumando” a notícias com esse teor anestésico. Eco (2011) enfatiza que, provavelmente, essa parcela da sociedade teve o acesso negado à literatura. Isso não significa dizer que esse bem imaterial salvará o mundo de desgraças e de atrocidades, mas se a sociedade tiver a possibilidade do contato literário desde a mais tenra idade, ela pode, quem sabe, minimizá-las, pois, segundo Todorov (2010), a literatura torna-nos mais humanizados e próximos de nossos pares, com ela podemos viver e compreender melhor o mundo no qual estamos inseridos.

No século XIX, o racionalismo era evidente, e Schiller buscou persuadir a ideia de que a razão pura deveria dividir espaço com a sensibilidade. O homem não era considerado um ser integrado: razão e saber sensível eram polos divergentes. Schiller (2011) sinalizou, em suas cartas para o príncipe dinamarquês Friedrich Christian von Schleswig-Holstein-Sonderburg-Augustenburg, que pelo coração poder-se-ia encontrar a razão e tornar o mundo mais agradável para viver com os outros e consigo mesmo:

“Não é suficiente, pois, dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento. (SCHILLER, 2011, p. 46).

Sendo a literatura uma arte, a leitura do literário pode ser considerada um instrumento para a promoção e para a formação da sensibilidade no homem. Entende-se que, para Schiller (2011), o homem é um ser cuja mente e coração estão ligados e são indissociáveis. Metaforicamente, o autor citou o coração para representar nosso lado sensível e por meio do qual compreendemos o mundo que nos cerca. Por isso, a leitura do literário pode educar e refinar os nossos sentidos, porque ela traz elementos que nos despertam e inquietam construindo uma educação integrada, em que razão e sentidos estão entrelaçados.

O caminho do coração que Schiller indica vai ao encontro do que Todorov (2010) explicita em sua obra quando se trata da humanização do ser humano, pois, de acordo com o autor: “A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. [...]” (TODOROV, 2010, p. 76). Isso não quer dizer que a literatura queira elevar o homem a tempos românticos, no entanto, com a leitura do literário, é possível ampliar nossas percepções e compreender o mundo de maneira integrada e esta pode “[...] nos transformar a cada um de nós a partir de dentro” (TODOROV, 2010, p. 76).

Há muitas técnicas e métodos para conhecer e aprender o “novo”; no entanto, não há métodos prontos para aprender o saber sensível. A sensibilidade faz parte da natureza humana, entretanto é preciso refinar esses sentidos humanos. As linguagens artísticas são importantes objetos para o desenvolvimento do saber sensível. Por isso, a importância de trazer a arte para a Educação Infantil, transpondo-a para fora da creche, envolvendo todos os responsáveis pela educação e pelo desenvolvimento da criança.

Assim sendo, a leitura do literário deve ser apresentada à criança desde cedo, não como um conteúdo simplório ou como uma ação direcionada às horas vagas do cotidiano da Educação Infantil, mas como um instrumento artístico provedor de experiências únicas que se renovam e multiplicam a cada toque, a cada apreciação, a cada leitura do literário, pois “[...] a literatura faz viver experiências singulares [...]” (TODOROV, 2010, p. 77).

A leitura do literário não deve ser visualizada com o dogma de que “é preciso ler”. É preciso ler para desenvolver, posteriormente, uma atividade; é preciso terminar de ler um livro mesmo se a criança perdeu o interesse pela leitura; é preciso ler porque é uma obrigação. A leitura é um partilhamento, então “[...] se quisermos que filho, filha, que os jovens leiam, é urgente lhes conceder os direitos que proporcionamos a nós mesmos” (PENNAC, 2008, p. 126).

Pennac (2008) sinaliza os direitos imprescritíveis do leitor: o direito de não ler; o direito de pular páginas; o direito de não terminar um livro; o direito de reler; o direito de ler qualquer coisa; o direito ao bovarismo - “[...] satisfação imediata e exclusiva de nossas *sensações* [...]” (PENNAC, 2008, p. 141, grifo do autor) -; o direito de ler em qualquer lugar; o direito de ler uma frase aqui e outra ali; o direito de ler em voz alta; o direito de calar.

Tendo em vista que a creche é o espaço onde a criança passa no mínimo quatro horas diurnas, e compreendendo que nossa percepção de mundo depende das relações que estabelecemos no nosso contexto social, é trazido à baila as experiências das creches de San Miniato, Itália, cuja a leitura do literário é presente no cotidiano das crianças.

3 O LIVRO NAS MÃOS DA CRIANÇA PEQUENA

Lajolo (2002) enfatiza a responsabilidade das instituições escolares na relação que se constrói entre livro e leitor. Evidentemente que, se a escola quer formar leitores, ela precisa policiar-se quanto ao emprego da literatura apenas para fins utilitários, sem respeitar sua função estética.

Na tradição brasileira, a literatura infantil e a escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir – ataviados pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos que lhe compete inculcar em sua clientela. E os livros para crianças não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de leitura obrigatória, **quer como complemento de outras atividades pedagógicas**, quer como prêmio aos melhores alunos. (LAJOLO, 2002, p. 66, grifos da autora).

Ao ler ou ouvir um conto, uma poesia, uma narrativa, e tantos outros gêneros literários, muitos sentimentos podem vir a ser despertados, pois a literatura tem o poder de envolver-nos e tragar-nos para dentro da história. Imersos nela, passamos a nos identificar com seus ditos em um processo de reconhecimento e de estranhamento que nos permite concordar e também discordar com o texto. A literatura possibilita-nos

perceber outras existências, formas de ser e estar no mundo, que reconfiguram nosso olhar sobre a vida e, por meio dela, temos a oportunidade de ler e interpretar o mundo de uma maneira mais sensível.

Constituímo-nos leitores a cada dia. A formação de leitores não é algo que se obtém como um título: para toda a vida. Ela se dá no próprio processo de leitura, de vivência do texto, e, por isso, um ambiente letrado, onde o livro possui uma representação cultural forte, é mais propício para a movência de leitores. Para que o gosto pela literatura venha ser despertado na criança pequena, é necessário que o adulto apresente o livro para esse público.

De acordo com Petit (2009), quando pequenos, tornamo-nos leitores ao vermos nossos pais lendo livros. No entanto, quando a família não é leitora, é preciso que se tenha outra referência de leitor efetivo. Petit (2008) sinaliza que, para adentrar o universo literário, é preciso que haja um mediador, que, segundo a autora, geralmente é um bibliotecário ou um professor.

Os indícios para a formação de um leitor começam no ventre da mãe, quando, ali, ela estabelece um laço de afetividade com o seu bebê por meio da conversa, das músicas e da leitura de livros. Depois que o bebê nasce, os pais geralmente leem ou contam uma história na hora da alimentação do bebê, na hora do banho, ou, simplesmente, para dormir. Toda essa rotina envolvendo a linguagem e a literatura motiva a criança a gostar de ouvir histórias, principalmente pelos momentos de afetividade que a história proporciona entre a criança e o adulto.

Pennac (2008) aborda que a família tem um papel importante na formação de um leitor efetivo. Quando a criança ainda é bebê, geralmente os pais interagem com o filho por meio da música e da contação de histórias. Conforme os bebês vão crescendo, os livros são tirados do seu alcance e colocados em uma estante onde não é possível pegá-los sozinho, estabelecendo-se, assim, uma relação enfraquecida entre a criança e o livro. Até que a criança chega à escola e as leituras do livro em casa passam a ser solitárias - apenas a criança dentro do seu quarto com o seu livro, com inúmeras páginas e uma ficha de leitura ao lado para registrar o que leu. Diante dessa situação, a interação da criança com o livro não acontece e o momento que era para ser mágico passa a ser um martírio. Pennac (2008) sinaliza que a relação de amor com o livro acontece aos poucos e tem a participação de todos os fatores externos, como a família e a escola. A família quando se afasta do livro também pode, de certa forma, afastar-se da criança, e a afetividade entre ambos se estremece e tudo isso se reflete na escola.

O homem é um ser cultural - isso significa que ele aprende com os outros homens. Nossa humanidade é algo que vai se construindo ao longo da nossa formação. Desta forma, a leitura deve fazer parte do nosso cotidiano; caso contrário, ela será sempre vista como um momento especial, produzida de forma episódica. A contação de histórias é uma das formas de aproximar a criança do livro. Quando o adulto lê histórias para a criança, é preciso tomar alguns cuidados para que esse momento seja agradável para ambos. Por isso, é necessário que o narrador conheça os seus ouvintes. Por exemplo, um narrador que queira causar impacto positivo aos pequenos ouvintes se vestindo com adereços, sejam estes uma fantasia de fadas, uma peruca engraçada ou um par de óculos colorido, pode causar o efeito ao contrário, porque os pequenos ouvintes geralmente estranham toda essa junção fantasiosa, principalmente quando esses pequenos ouvintes são bebês.

O bebê precisa sentir-se seguro para interagir com o adulto, com a história e com o livro que lhe está sendo apresentado. O bebê que não se sente acolhido em uma leitura ou em uma contação de histórias pode sentir-se incomodado com esse momento e começar a chorar; então, o que era para ser um momento de interação, torna-se um incômodo para o bebê. Por isso, é necessário que o narrador tenha alguns cuidados antes de ler uma história. Um desses cuidados é o de conhecer bem a história que irá ler ou contar para os bebês, sem esperar que todos permaneçam em roda (como, geralmente, é feito com as crianças maiores), pois "o narrador oferece a história como quem oferece um presente" (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 122).

O manuseio do livro pelas crianças, que deve ser uma atividade cotidiana, é uma motivação à leitura, principalmente quando a criança vê e ouve um adulto ler uma história de um livro para ela, ou simplesmente quando a criança vê um adulto lendo silenciosamente um livro. É preciso dar oportunidade à criança de conhecer e interagir com o livro dentro do espaço em que está integrada: a creche.

Por que a troca de fraldas não pode se dar em um ambiente onde o bebê escuta música? Ou enquanto o professor declama uma poesia? Por que a rotina não pode ser um momento produtivo com a leitura do literário? Por que o livro precisa circular sempre em um momento especial para a leitura e não no dia a dia, nas horas mais comuns? Quais as atividades de linguagem que estão inseridas nessa rotina? A preocupação maior da rotina é com o desenvolvimento da criança pequena, mas um desenvolvimento físico, como se este fosse apartado do inteligível e do sensível, como se a saúde mental e emocional dos pequenos não afetasse sua saúde física e vice-versa.

A literatura é uma linguagem artística, que tem uma função estética e, por isso, mantém-se ligada ao saber sensível. A instituição escolar sabe que é importante ler para a criança, mas nem sempre sabe o que fazer com a literatura em si, como ler para os bebês. Por isso, ao lidar com a literatura, resvala-se para uma discussão utilitária de um objeto que tem, acima de tudo, uma função estética. Assim, a leitura de um livro passa a ter o objetivo apenas de trabalhar-se um conteúdo escolar para desenvolver habilidades bem redutoras, como a aprendizagem de cores, números, palavras, etc. A literatura pode sempre ensinar, mas pelo seu viés artístico. Desse modo, ter livros na creche à disposição dos bebês, deixá-los manipular os livros em variadas situações de rotina, faz com que os bebês os percebam como objeto que faz parte de sua cultura e, assim, vão construindo uma relação estética com eles. Dessa forma, os livros deixam de ser apenas mais uma estratégia para qualquer outra atividade em que a única preocupação seria entender a história para realizar outra atividade desconexa da função artística.

Em seu livro *L'educazione dei bambini come progetto della comunità: Bambini, educatori e genitori nei nidi e nei nuovi servizi per l'infanzia e la famiglia. L'esperienze di San Miniato*^[1], Fortunati (2006) relata que a criança aprende com o outro e por si mesma e que, para essa aprendizagem acontecer, é preciso que lhe sejam dadas oportunidades para interagir com o espaço e com as pessoas que fazem parte dela. Dessa forma, esse espaço acaba virando o seu lugar de aprendizagem.

3.1 A LEITURA DO LITERÁRIO NO COTIDIANO DAS CRECHES DE SAN MINIATO

San Miniato é uma pequena comunidade localizada na região toscana do norte da Itália, onde a educação para as crianças pequenas é voltada à educação para o sensível, Fortunati (2013). Os espaços das salas de aula são pensados para a criança, assim como a sua rotina. Por exemplo, a rotina do repouso também é seguida em San Miniato, mas há um respeito pela hora que a criança deseja dormir assim como a forma como cada uma realiza a atividade. Perto dos colchões, há uma estante de livros alcançável para os bebês. Ao se deitar, uma criança pegou um livro e ali começou a explorá-lo, sem ser repreendida pela professora. O próprio organismo biológico da criança pede para descansar sem precisar que seja algo imposto, e ela sente necessidade do livro antes de dormir - o livro já é um artefato cultural na vida dessa criança. Segundo Fortunati (2013), a criança é participante ativa na construção de seu próprio conhecimento e experiências:

Noi quando cerchiamo di definire l'identità dei bambini, ecco, pensiamo a un bambino come soggetto attivo che partecipa con curiosità alla costruzione delle proprie esperienze e delle proprie conoscenze. Non pensiamo ad un vaso vuoto da riempire. Ma pensiamo a una persona con la propria identità, che partecipa attivamente o tranquillamente ai processi della loro conoscenza. (FORTUNATI, 2013). [2]

As creches de San Miniato têm um espaço pensado segundo esse conceito de identidade da criança, em que a professora é mediadora nesse processo de conhecimento e não quem estabelece quando é hora de brincar, de tomar um banho ou de ler um livro.

Ao observar a rotina de aprendizagem de San Miniato, em que a criança participa ativamente do seu processo de desenvolvimento, é perceptível uma educação mais integrada, que não se constrói por meio de atividades segmentadas, mas vivências de aprendizagem que são tecidas no desenrolar da própria rotina, sem que haja momentos especiais para a leitura, para a brincadeira, para as artes. Uma proposta que entende a rotina das de forma integrada e contextualizada, pensando na criança como um sujeito ativo. Essas atividades constituem um saber estético que promove a educação do saber sensível.

De acordo com Duarte Jr. (2010), a palavra estética tem sido tratada como um repasse de informações teóricas acerca da arte, enquanto o seu significado, a partir da raiz grega da palavra, é o de sentir-se a si mesmo e ao mundo de maneira integrada. Com isso, o saber sensível, “[...] aquele saber primeiro [...]” (DUARTE JR., 2010, p. 14), está entrelaçado nos sentidos do humano, é provido pelo saber estético.

Observando o cotidiano das creches de San Miniato, é possível compreender que a leitura do literário está presente nas ações diárias, seja pela disposição dos livros, seja pela articulação das professoras com este objeto estético junto às crianças, ou na interação que a leitura do literário promove entre os leitores e apreciadores. As crianças poderão sentir-se afetadas pela literatura se esta lhe for apresentada em forma de leitura, ou simplesmente se lhe for apresentado um livro de forma que ele possa manipulá-lo e apreciá-lo. A leitura do literário não pode ser considerada uma simples estratégia, mas sim, um instrumento rico na construção de outros conhecimentos em que a sensibilidade e o inteligível não estão apartados do processo de aprendizagem, sendo a criança, nesse contexto, autora de seus conhecimentos. Portanto, a literatura sendo uma linguagem artística, pode estar presente em todas as atividades do cotidiano da creche de modo que sua função estética não seja barganhada por ações que não estejam previamente projetadas e planejadas pelo professor.

A manipulação de objetos quando se é bebê é muito importante, especialmente no que se refere à interação com o seu meio. Com isso, a leitura do literário deve estar inserida e deveria ser apresentada à criança desde quando se é bebê, de forma que ele possa aventurar-se pelas páginas dos livros. Os livros podem ser rasgados, colocados até na boca pelo bebê nos primeiros momentos de contato. Contudo, por intermédio das experiências que o bebê irá desenvolver com o livro e da mediação do professor, a criança vai, assim, construindo um conhecimento acerca de que o livro pode ser apreciado ao invés de ser rasgado.

Uma organização da sala de aula na Educação Infantil que tem as atividades voltadas à educação estética possibilita a educação do saber sensível. Por isso, é necessário que o livro e a leitura do literário façam-se presentes no cotidiano das crianças ainda quando são bebês. Nas palavras de Fox e Girardello:

A narração de histórias, incorporadas ao cotidiano de uma sala de aula, pode transformá-la num ateliê de invenção e partilha artística. Ao contar histórias para seus alunos, a professora estará permitindo a eles a fruição de obras de arte, tanto em termos literários quanto de performance dramática. Ela estará acima de tudo estimulando-os a contar histórias também e a valorizá-las como prática cultural. (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 151).

Segundo Fortunati (2013), o ambiente no qual os pequenos estão inseridos oportuniza o acesso à cultura por meio de reproduções de obras de arte e de artes visuais produzidas por eles que são fixadas nas paredes da sala na altura e ao alcance das crianças, onde elas podem admirá-las e tocá-las. Há estantes literárias com livros à disposição da criança. O banheiro torna-se um ambiente propício à literatura, pois, ali, a criança pode ler e admirar um livro tranquilamente. As mesas da sala onde o grupo se alimenta são usadas para construir outros conhecimentos, por meio das brincadeiras. Em San Miniato, a cultura não é um projeto pedagógico a parte dos outros conteúdos disciplinares, e nem muito menos um passatempo para a Educação Infantil, mas a cultura é parte integrada de todo o processo de aprendizagem de todas as crianças. É interessante citar que, de zero a três anos, o contato entre as crianças nas creches de San Miniato é permanente, e com isso, as aprendizagens constituem-se como uma troca de experiências, dentre elas, as vivências culturais.

Quando as atividades do cotidiano da creche têm a cultura integrada, não é necessário realizar projetos com objetivos unicamente voltados à promoção da cultura. Fazer da música, da dança, do teatro, do cinema, das artes visuais e da literatura meras atividades com horários demarcados com cantinhos intocáveis ou fora do alcance das crianças especialmente dos bebês, veda o acesso ao conhecimento cultural, conhecimento esse que deve estar “entrelaçado” à nossa vida e não a um conhecimento sagrado.

Fazer do espaço da creche um lugar onde as linguagens artísticas têm voz e presença nas atividades do cotidiano levam a criança a ter experiências culturais ricas e desenvolvem seu gosto estético contribuindo para a educação dos sentidos. A literatura sendo arte colabora para essa educação. O livro é o objeto que estando nas mãos das crianças influencia na construção dessa relação estética que se estabelece entre obra e leitor.

Pesquisas como a de Silva (2008) apontam que o contato maior que a criança pode ter com a literatura é no seu próprio contexto cultural e social. Desde o nascimento, e ainda quando está no ventre materno, as leituras e as contações de histórias fazem-se muito presentes na hora de acalantar o bebê, na alimentação ou na hora do banho. Ouvir a voz da mãe contando uma história é uma forma de o bebê sentir-se seguro.

Oportunizar uma rotina permeada pela leitura do literário pode dar possibilidade ao bebê de construir conhecimentos integrados a sua vida, onde todos os aspectos envolvidos ao cotidiano da creche contribuem para sua formação humanística, desde os eixos temáticos trabalhados nas creches até as ações e os sujeitos envolvidos.

Neitzel explana que a literatura é “[...] um campo fértil para a imaginação, para a criatividade” (NEITZEL, 2006, p. 98). A leitura do literário dá a possibilidade do mergulhar-se em cada linha, em cada parágrafo, não na tentativa desenfreada de desvendar o final da história, mas de envolver-se com ela, senti-la, transpondo-se a um lugar diferente, desconhecido sem sair do seu espaço físico; um momento de pura fruição. “Na leitura, é preciso *imaginar* tudo isso [...] A leitura é um ato de criação permanente” (PENNAC, 2008, p. 24).

Em San Miniato as famílias participam ativamente dos projetos realizados, especialmente, os que envolvem a leitura do literário, como é o caso do projeto “Empréstimo de livros”. Aparentemente, o projeto parece ter um objetivo semelhante aos projetos que já desenvolvemos nas creches. No entanto, o diferencial deste projeto na Itália, é que ele envolve ativamente as famílias das crianças que frequentam a creche. As famílias participam na confecção de sacolas literárias individuais, na aquisição de livros literários e na leitura do literário para a sua criança em casa. Na creche, as ações são dadas continuidade.

Em San Miniato, a leitura do literário representa um importante instrumento cultural. Cada criança tem um jeito particular de aproximar-se do livro e o seu próprio tempo de apreciar uma história, contribuindo para a percepção do livro como objeto artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o objetivo discutir a inserção da leitura do literário na creche, é possível afirmar com o exemplo de experiências literárias das creches de San Miniato, que a leitura do literário pode estar presente nas ações cotidianas da creche, desde o momento de alimentação até nos

momentos de higiene, onde o professor pode ser o leitor ou propiciar o ambiente para que as crianças possam ter acesso irrestrito ao livro, e assim, apreciá-lo.

É possível presenciar que nas creches há uma grande abertura para contações de histórias com ambientes customizados e grandes dramatizações, o que encanta os pequenos. No entanto, a leitura do literário, o contato direto com o livro devem ser ações presentes no cotidiano da Educação infantil para a formação contínua do leitor mirim.

Quando um professor lê um poema, uma narrativa, ou lê uma história para a criança pequena, o leitor e o ouvinte conseguem estar em mais de um lugar no momento da história, ou seja, os pequenos também adentram o universo literário e dão asas à imaginação, podendo estar onde seus pensamentos os levar. Com isso, é possível afirmar que a leitura do literário não significa estar apenas informado, um passatempo para as horas vagas ou um entretenimento corriqueiro; a literatura pode mais, e quer mais - ela quer sensibilizar, adentrar nossos sentidos pela via estética, oportunizar momentos de experiências ímpares com novas vivências e a compreensão da vida de modo humanístico.

REFERÊNCIAS

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 5. ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2010.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Livro vira-vira 1. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

FORTUNATI, Aldo. **L'educazione dei bambini come progetto della comunità**: Bambini, educatori e genitori nei nidi e nei nuovi servizi per l'infanzia e la famiglia. L'esperienze di San Miniato. Azzano San Paolo, BG: edizioni junior srl, 2006.

_____. **A educação infantil como projeto da comunidade**: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família. A experiência de San Miniato. Conferência com o professor Aldo Fortunati- PIBID. [08 de agosto de 2013]. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí: PIBID.

FOX, Geoff; GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

NEITZEL, Adair. Sensibilização poética: educar para a fruição estética. In: SCHLINDWEIN, Luciane Maria; SIRGADO, Angel Pino (Orgs.). **Estética e Pesquisa**: Formação de Professores. Itajaí-SC: Maria do Cais, 2006, p.95-109 (Coleção Plurais Educacionais). p. 81-161.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Icone, 1986.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2008.

_____. **A arte de ler** ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: 34, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 6. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SILVA, Cleber Fabiano da. **Virando a página... Vamos ver então?** O encontro da criança com o texto. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Univali, Itajaí. 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

[1] A educação infantil como um projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família; a experiência de San Miniato. (Tradução nossa).

[2] “Nós quando procuramos definir a identidade das crianças, pensamos em uma criança como sujeito ativo que participa com curiosidade para a construção de suas próprias experiências e do próprio conhecimento. Não pensamos em um vaso vazio a ser preenchido. Mas pensamos em uma pessoa com a sua própria identidade, que participa ativamente ou tranquilamente nos processos de seu conhecimento.” (FORTUNATI, 2013, tradução nossa).